

Mesa

# EUJA

N.º 17

## NOTÍCIAS CULTURAIS

SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E RELAÇÕES CULTURAIS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

### MELISSA HAYDEN

O mundo inteiro conhece Melissa Hayden, um dos primeiros nomes da famosa companhia New York City Ballet. Na temporada dêste inverno americano, mais uma vez Miss Hayden surgiu na primeira linha, no auge de sua potencialidade artística (apesar de contar quasi quarenta anos), a indiscutível prima-ballerina em uma companhia que tem, como tradição, apresentar os seus componentes em ordem alfabética. Melissa Hayden é uma artista dotada de tremenda versatilidade. É hoje sem igual no repertório dramático americano que inclui ballets como "O Combate", "A Jaula" ou "O Pássaro de Fogo". As suas interpretações clássicas em "O Lago dos Cisnes", "Divertimento" ou "Raymonda" a colocam entre as maiores bailarinas da atualidade na Europa e na América.

Melissa Hayden não é, em essência, uma bailarina romântica na linha de Margot Fonteyn, nem mesmo essencialmente dramática como a grande Nora Kaye. Dona de uma técnica soberba comparável à de outra famosa americana, Rosella Hightower, uma das suas qualidades principais, rara, aliás, entre as dançarinas de formação estadunidense, é a utilização perfeita dos braços e das mãos. Artista de grande presença cênica, coloca o seu forte temperamento a serviço da música e do movimento. Os que tiveram a sorte de vê-la em "O Combate" de William Dollar bem o sentiram. Poucas se comparam a ela na magestade de "O Pássaro Azul", na ternura de "O Lago dos Cisnes", na serenidade ensolarada do "Divertimento" de Mozart.

Hoje, Miss Hayden é a única representante, junto ao New York City Ballet, das grandes bailarinas que brilharam durante as décadas de 40 e 50. Maria Tallchief, Patricia Wilde, Diana Adams, Tanaquil LeClerq e Nora Kaye não dançam mais. Numa companhia em que a juventude vem antes do amadurecimento completo do artista (os ballets de Balanchine exigem uma vitalidade e um ataque que só os corpos jovens podem satisfazer) Melissa Hayden sobreviveu graças à sua incrível agilidade física e determinação. E não tem a menor intenção de deixar a companhia à qual o seu nome está ligado por mais de vinte anos. "Eu me considerarei uma dançarina enquanto houver um desafio e eu puder vencê-lo; quando sentir prazer, continuarei dançando."



A famosa bailarina norte-americana Melissa Hayden

## LIVROS

Robert Penn Warren, que é mais conhecido como romancista, é também um autor de ensaios críticos reputados entre os melhores nas letras americanas deste século, bem como um poeta de grande renome. Isto se comprova com a nova coletânea publicada pela Random House sob o título: "Selected Poems: New and Old, 1923-1966". Warren vem escrevendo poesia (e muito boa poesia) desde a década de vinte, época em que, ainda estudante na Vanderbilt University, fazia parte do famoso Fugitive Group com John Crowe Ransom, Allen Tate, Donald Davidson e outros.

A sua atividade nas letras ampliou-se mais ainda quando editou livros escolares para cursos secundários e superiores, visando colocar a Nova Crítica entre o material de estudo e discussão. Mais recentemente, ligou-se ao movimento de direitos civis, que marcou fundo vários aspectos da vida americana. Escreveu dois livros de grande repercussão sobre a natureza da revolução negra e a sua relação com ela.

Nesta nova coletânea pode-se apreciar de perto a evolução do poeta e refutar a opinião dos que acham que Penn Warren escreveu os seus melhores poemas nos vinte anos de 1923 a 1943. Os seus poemas mais recentes são mais livres, mais ricos e mais pessoais, como sentimos neste pequeno trecho de "Delight": "You / Are not exempt. Though it yet / Has never undone you, / Look! In that bush, with woolf-fang white, delight / Humps now for someone: You."

### UM GRANDE FOTÓGRAFO CONTEMPLA O MUNDO GRANDE

David Douglas Duncan, ou D.D.D., pode ser justamente considerado um dos maiores fotógrafos da atualidade. Ele já havia publicado três volumes que fizeram a sua fama através fronteiras: "The Private World of Pablo Picasso", "The Kremlin" e "Picasso's Picasso". Agora, a Editora Holt, Rinehart and Winston vem de lançar "Yankee Nomad: a Photographic Odyssey". Na introdução, outro inveterado viajante que já viu muitos mundos e escreveu longamente sobre eles, John Gunther, diz, entre outras coisas: "Yankee Nomad" é uma estória de aventuras. O livro nos conta as peripécias do autor desde os tempos da infância, quando só tinha uma máquina fotográfica de amador e não conseguiria mais do que três dólares por uma foto até agora, quando ele tem 25 câmaras e seu lucro é um bocadinho maior. Chapas clássicas de Duncan aqui estão, desde os rostos dos fuzileiros navais agachados em trincheiras coreanas até as fantasias prismáticas de Paris e de Picasso. Outras farão as nossas imaginações adquirir novas dimensões. Acompanhemos este yankee nômade. Vai ser uma viagem emocionante e lucrativa." E o semanário News-week, concluiu: "A estória vibrante de um garoto exuberante de Kansas City que passou 25 anos perambulando pelo mundo com as suas máquinas fotográficas."

### LEONARD BERNSTEIN, MÚSICO ESCRITOR

Leonard Bernstein, o conhecido compositor e regente americano, vem de publicar o volume "The Infinite Variety of Music", no qual ele procura intensificar o prazer do leitor pela música, esclarecendo a sua linguagem, formas e intenções. O livro comenta desde a genialidade de Mozart até os efeitos anti-musicais da "música" enlatada que nos agride nos elevadores e aviões; abrange o campo que encontra suas raízes na tradição clássica e vem enfrentar o desafio contemporâneo dos mais sérios compositores de vanguarda.

O método de Bernstein para fazer o ouvinte compreender melhor a música é muito interessante. Por exemplo, para fazer compreender a sutileza do ritmo na música ele faz o

leitor ler em voz alta versos de Shakespeare. Apelando para a matemática esclarece as infinitas possibilidades inerentes aos doze tons da escala cromática. Em um trecho a respeito de sua forma de escrever música, oferece um panorama cheio de extraordinárias visões sobre o cérebro do músico que trabalha. Com um humor informal ele caminha pelo mundo variado da música, abrindo portas e janelas que levam o leitor a novos ambientes e novos horizontes.

Para muitos leitores, o ponto alto do livro de Leonard Bernstein poderá ser o trecho em que ele analisa com brilho raro as partituras de quatro sinfonias — de Beethoven, Brahms, Tchaikovsky e Dvorak — que todos escutamos anteriormente sem ter aprendido a ouvi-los como deveriam ser ouvidas. "The Infinite Variety of Music" foi publicado por Simon and Schuster.

### NÓVO LIVRO DE JOHN DOS PASSOS

Quase sempre há um momento na vida dos escritores em que eles se voltam sobre as suas próprias existências e escrevem memórias. John dos Passos, um homem que já escreveu bastante sobre as suas experiências, publicou agora THE BEST TIMES no qual procura explicar como se formou a sua sensibilidade, de onde veio o profundo sentido histórico que marcou toda a sua obra e porque encontrou tanto prazer em viver aqueles tempos idos. As suas aventuras surgem rocambolescas: tifo, bombas, fome, bandidos no deserto — mas, mesmo assim, fascinantes.

O incrível é que John dos Passos tivesse conseguido sobreviver.

Míope, acanhado, de estrutura franzina, ele arriscou-se muito mais, nos lugares mais improváveis, do que Hemingway, conhecido aventureiro consciente que nunca se deixou atemorizar pela possibilidade de perigos. Em sua essência, THE BEST TIMES conserva o colorido e as emoções de há 40 anos passados. Um dos aspectos que dá renovado interesse a este passeio autobiográfico é a franqueza de dos Passos com relação a amigos perdidos e conservados, a correligionários políticos que sempre haviam sido, no íntimo, seus inimigos. O tributo mais comovente em todo o livro é o que o escritor presta a seu pai, filho de um imigrante da ilha da Madeira, um homem que se educou sozinho, tornou-se advogado de renome, político, escreveu um livro sobre legislação e outro sobre o futuro anglo-americano, comprou iates, orientou as leituras do filho e o mandou para a Espanha para aprender arquitetura e pintura. John dos Passos não esconde o orgulho de ter sido filho de tal pai.

### A AUTOBIOGRAFIA DE CALDER

A Pantheon lançou um dos mais interessantes livros de arte de todos os tempos, ou seja, uma autobiografia do grande escultor Alexander Calder, fartamente ilustrada com mais de duzentas fotografias e desenhos.

A recepção do livro foi das mais calorosas. "É um volume cheio de humor, brincalhão, irreverente, tão parecido com o autor quando um livro possa ser. Creio que foi o único livro de arte que já conseguiu me fazer rir", comentou Ben Shahn. "Eu venho acompanhando a carreira de Calder por mais de quarenta anos, quer como artista, quer como amigo; mesmo assim, não estava absolutamente preparado esta autobiografia. Os seus móveis e estábeis são conhecidos e queridos no mundo inteiro, mas não revelam o estilo desta personalidade extraordinária como consegue fazê-lo este volume memorável", escreveu Alfred H. Barr, Jr. e Robert Osborn: "Este livro revela Calder e nos devemos sentir felizes em conhecer esta 'tonelada de homem' este gênio agradávelíssimo."

## JEAN CLAUDE VAN ITALLIE UMA NOVA VOZ NOS PALCOS AMERICANOS

Numa época em que muitos dramaturgos americanos parecem estar falando principalmente para si mesmos, um jovem escritor chamado Jean Claude van Itallie está falando em altas vozes, através de símbolos audíveis e violentos, a respeito do tipo de vida que se vive nesta segunda metade do século XX — e as pessoas estão ouvindo.

Três das peças de um ato de van Itallie, coletivamente intituladas "America Hurrah", estão florescendo todas as noites no Pocket Theatre, um teatrinho off-Broadway, depois de ter suscitado o maior entusiasmo crítico de todas as peças americanas desta temporada. As peças são ligadas por uma urgência e um interesse comuns. Segundo o autor, "America Hurrah" é a respeito de vários "aspectos da vivência moderna hoje em dia — com todas as implicações que disto advêm". O título é um grito de entusiasmo que, à primeira vista, não parece mostrar que se trata de um autor cheio de descontentamentos contra o mundo em que vive. "Eu acho que muita coisa está errada na sociedade de hoje", diz o autor. "Acho que as coisas não são o que parecem ser e todos nós sofremos com esta disparidade." As suas peças não são doutrinárias, explica van Itallie, "porque eu não encontrei uma doutrina". Espera que sejam, quando pouco, num sentido mais amplo, políticas. Pretende que reflitam "pelo menos alguma visão de contraste entre as coisas como são e as coisas como deveriam ser."

A fim de expressar a sua visão "tão contemporaneamente quanto possível", van Itallie escreve peças sem enredo usando ruídos estranhos, falas incompreensíveis e máscaras de bonecos muito maiores do que as pessoas comuns. Não é que ele seja contra o teatro naturalista. "Eu só quero ir um pouco além, explorando. Quando o público noavaiorquino entra em um teatro, já espera um determinado tipo de experiência. Esta expectativa tem de ser desviada para que o público receba algo novo."

Ele está interessado em um tipo de teatro que coloque a ênfase em outros pontos que não a tradicional ênfase nas palavras. "As palavras são apenas um de muitos componentes que perfazem uma peça — e nem sempre são o mais importante."

Van Itallie diz que em "Motel" (a mais selvagem das três peças que formam "America Hurrah") ele gostaria que o público "fosse atacado pelo SOM das palavras, não particularmente pelo sentido". Contudo, ele nega qualquer intenção consciente de tornar os seus personagens "sem ênfase", por assim dizer. "Creio que eu estou me interessando por coisas diferentes. Não é que eu esteja ansioso para jogar fora as antigas armas da dramaturgia; mas é que eu quero descobrir e usar armas que remontam a séculos." E não está tão pouco tentando ser obscuro. "Estou trabalhando em prol da clareza, não do ofuscamento. O que se quer apresentar ao público é algo de emocionante, não uma coisa confusa. Talvez seja novidade em forma, e é exatamente por isso que deveria ser da maior clareza."

Como escreveu um crítico, a peça é uma viagem através do "pesadêdo refrigerado da vida moderna, pelo país do congelador, dos sorrisos de neon e dos corações de matéria plástica". A sua intenção, escreveu outro crítico, "é a de quebrar o drama convencional na qual um personagem se iguala a uma pessoa imaginária e as cenas se sucedem numa demonstração lógica".

As peças intitulam-se: "Interview" (Entrevista), "TV" e "Motel". Na primeira vemos quatro atores mascarados entrevistando outros quatro atores que estão querendo obter um emprego. Os candidatos respondem às perguntas como estudantes que não estudaram bem a lição. A um momento, o contraponto de perguntas e respostas fica tão embrulhado que o diálogo começa a parecer as conversas dos primeiros livros de conversação numa língua estrangeira. Aí a peça se desenvolve como um ritual coreográfico da vida moderna, as manadas urbanas movimentando-se sem destino como num "cocktail party". Torna-se óbvio que os entrevistadores e os entrevistados precisam de ajuda. Os personagens passam a flutuar na superfície das suas realidades, separam-se e reúnem-se em cenas e situações que vão mudando sempre. Durante a festa, percebemos que uma das moças está morta. Ela se desculpa por ter chegado tarde; veio só para ex-

plicar que se atrasou porque morreu no caminho. "Eu estou morta. Desculpem-me. Eu estou morta. Desculpem-me." Mas neste mundo em que nada se toca e nada se sente, a morte não é só impermissível, mas impossível. Um cocktail party é muito mais importante do que a transformação do homem vivo em homem morto.

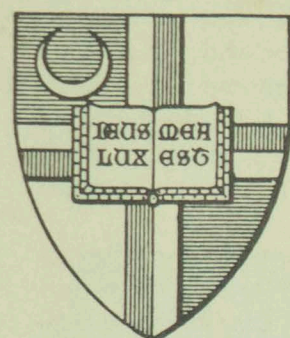
Assim como "Interview" é um exercício intrincadamente coreografado e altamente estilizado a respeito da solidão e despersonalização urbanas, a segunda peça, "TV", é um ensaio a respeito da ruptura que existe entre a vida de todos os dias e os sonhos da cultura popular. A vida é parodiada. Passa a ter as dimensões das 21 polegadas do vídeo e o que poderia ser apenas previsto é tão soberbamente bem feito que se transforma em um dos mais aguçados comentários críticos à sociedade dos últimos tempos. A terceira peça, "Motel", é simples e espantosa, e consegue exprimir de forma soberba. Uma gigantesca boneca de papier-mâché entoa uma litania sobre todas as belezas de um quarto de motel de sua propriedade. Entra um casal que, com movimentos irrealis e aterrorizantes, tudo destroem, dando uma imagem vívida do espírito de violência que domina o homem moderno.

Entre as influências na sua dramaturgia, van Itallie reconhece a de Antonin Artaud (o inventor do Teatro da Crueldade) e a de Marshall McLuhan ("O meio é a mensagem"), mas resiste em especificar o que foi que aprendeu com cada um. Gosta mais de falar a respeito de uma outra influência formativa. The Open Theater, a oficina experimental de Joseph Chaikin, da qual van Itallie vem sendo um dos participantes desde fins de 1963. Van Itallie foi pôsto em contato com o grupo através de um amigo comum e interessou-se pelo tipo de trabalho que estavam realizando. "Não era um trabalho não-naturalista, sendo, ao mesmo tempo, absolutamente autêntico. Nêle eu via todo tipo de possibilidades para um dramaturgo. Eles estavam lidando com coisas que eu nunca vira ser enfrentadas por ninguém no teatro antes... mitos, sonhos, rituais e comentário social. Não era sem conteúdo. E eu vi que seria possível construir uma peça trabalhando com os atores; poder-se-ia construí-la de dentro para fora."

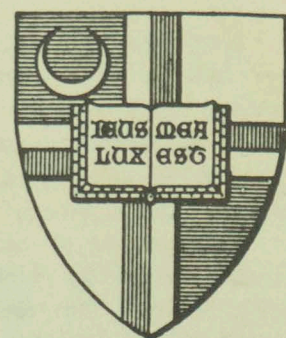
Desde então van Itallie vem trabalhando com The Open Theater e espera continuar a fazê-lo. "Interview" foi diretamente inspirada por um dos exercícios do grupo. A companhia deu uma representação da peça no Sheridan Square Playhouse, e muitas outras no Café La Mama. As outras duas peças não são produtos diretos do The Open Theater. "Motel" foi escrita antes de van Itallie juntar-se ao grupo; a peça fora representada no Actor's Studio e no Café La Mama. "TV" teve sua estréia mundial em "America Hurrah" cujos diretores, Joseph Chaikin (que dirigiu "Interview") e Jacques Levy (que dirigiu "Motel" e "TV") são responsáveis também pela direção do The Open Theater.

Tendo trabalhado com The Open Theater, no Café La Mama e também no grupo que organizou o festival de peças americanas em um ato (onde havia obras de Thornton Wilder e Edward Albee) no ano passado, van Itallie é um produto, não da off-Broadway, mas da off-off-Broadway. Contudo, como uma figura que participa dos teatros mais afastados do centro comercial de Nova York a sua personalidade tem qualquer coisa de paradoxal. Se bem que dedicado ao experimentalismo, van Itallie escreve programas de televisão. Magro, moreno, bem barbeado, de fala macia e bem vestido, nada tem da figura habitual dos "rebeldes sociais" desta década. Não mora em um sótão no Lower East Side de Manhattan, mas em um apartamento confortavelmente mobiliado em Christopher Street, com amplas janelas que olham para Greenwich Village. (Antigamente, artistas famintos e jovens rebeldes costumavam morar no Village, mas hoje em dia já não têm mais os meios financeiros para fazê-lo; todos se mudaram para o leste da Bowery.) Hoje em dia, os que moram no Village propriamente dito, já se enquadraram, pelo menos em parte, a um sistema burguês de vida.

Nada disso, porém, rouba a van Itallie sua categoria de "escritor rebelde". É também verdade que muitos escritores, de



## O CENTENÁRIO DE OLIVEIRA LIMA COMEMORADO NOS EUA



O centenário de nascimento de Manoel Oliveira Lima, o renomado historiador e diplomata brasileiro, foi devidamente comemorado, a 25 de dezembro passado, pela Universidade Católica de Washington, instituição que está diretamente ligada ao nome do renomado brasileiro. Foi ele o doador de uma grande coleção de livros e documentos à Universidade Católica. Ele já havia pensado em fazer esta doação em 1812, mas a oferta definitiva, que foi aceita pela Junta de Diretores da Universidade, só foi feita em 1916. Devido à Primeira Grande Guerra, a remoção da grande coleção dos locais onde estava guardada, na Bélgica, Inglaterra e Portugal, sofreu atraso. A Biblioteca foi formalmente inaugurada a 5 de fevereiro de 1924, data do quarto centenário de Camões, o príncipe dos poetas portugueses.

Oliveira Lima (1867-1928) é amplamente conhecido por seus estudos clássicos realizados no tempo da monarquia brasileira. Foi professor da Sorbonne em 1911, cabendo-lhe a honra de ter sido o primeiro sul-americano a ocupar uma cátedra na famosa instituição. No ano seguinte, 1912, realizou várias conferências na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos e, em 1915, seu nome ligou-se ao da Universidade de Harvard. Em Lisboa, inaugurou a cadeira de Estudos Brasileiros na Faculdade de Letras, em 1923. Durante os últimos anos de sua vida, seu nome esteve intimamente ligado ao da Universidade Católica da América, onde foi professor de Direito Internacional e Curador da Biblioteca Oliveira Lima.

A Biblioteca Oliveira Lima é uma coleção especializada referente à história e à civilização do mundo Luso-Brasileiro (Brasil, Portugal e os atuais e antigos territórios ou esferas de influência portuguesa na África e na Ásia). A sua coleção de material suplementar referente aos países que tiveram ligações históricas com Brasil e Portugal, bem como pinturas, mapas, gravuras, fotografias, objetos de arte e moedas que bem ilustram o interesse primordial da Biblioteca Oliveira Lima.

No acervo da Biblioteca encontram-se mais de 45 mil volumes; mais de 400 itens entre pinturas, mapas, gravuras, fotografias e outros materiais iconográficos; peças de museu e outros objetos de arte (incluindo-se lembranças da família imperial brasileira, móveis brasileiros do século dezanove, um pente de cabeça que pertenceu à mãe de Simon Bolívar, e uma fotografia de Francisco Solano Lopez, o ditador do Paraguai); documentos históricos portugueses, quase todos referentes à época da guerra

de sucessão com a Espanha; os Documentos de Sousa Correia (1825-1900); Documentos diplomáticos brasileiros da Legação em Bruxelas (1908-1914); os Documentos da Família Oliveira Lima (1884-1926) e mais de 60 dos álbuns de recortes do próprio Oliveira Lima, com curiosos recortes de jornais e material de interesse variado.

A Brasileira de Oliveira Lima, representando todos os períodos da história do Brasil, não é só valiosa como única no gênero. A coleção de literatura, dos tempos coloniais ao século vinte, é das mais completas. Não existe, nos Estados Unidos, uma coleção melhor com referência a livros de viagem e periódicos do século passado. A coleção dos relatórios anuais do Ministério das Relações Exteriores, começando com o primeiro, é das mais completas que se possam encontrar, como também o é a coleção dos anais do Senado e da Câmara dos Deputados do Império.

Com referência ao material ligado à história portuguesa, a Biblioteca Oliveira Lima é notadamente famosa pelas obras sobre o período da Restauração (1640-1668) e século dezanove. Os panfletos e coleções de periódicos do período Liberal são excelentes. A Biblioteca possui também valioso material com referência à História da Igreja, principalmente o relacionado com a Sociedade de Jesus. Os territórios do além-mar também estão muito bem representados.

No setor iconográfico a Biblioteca possui uma paisagem pernambucana de Franz Post, o pintor holandês do século dezanove. Há dois retratos de Columbano, o mestre português, e um retrato contemporâneo do Príncipe Regente de Portugal por Domenico Pellegrini. Há dez aquarelas do século dezoito retratando o interior da América do Sul, por Francisco de Requena e o Mapa do Novo Mundo de Cano y Olmedilla.

Assim, a Universidade Católica da América, em Washington, possui este valioso material sobre a história e cultura luso-brasileiras à disposição de todos os estudiosos e não podia deixar de comemorar devidamente o centenário do nascimento de um estudioso que tanto fez para a aproximação das culturas do Brasil, Portugal e Estados Unidos. Tanto os membros da Conferência de História Latino-Americana como os da Associação de Historiadores Luso-Brasileiros deram pleno apoio à iniciativa.

Para os interessados, qualquer informação ligada à biblioteca, deverá ser endereçada a: The Curator, The Oliveira Lima Library, The Catholic University of America, Washington 17, D.C.

beleza tonal, pelo tratamento sutil das nuances e uma quase infalível precisão do conjunto". Referindo-se a Henrique Nirenberg, escreveu Margrave: "É raro ouvir-se uma viola com uma sonoridade tão doce; ... podia-se ouvi-la sem a menor suspeita de esforço".

O Quarteto de Szymanowski foi a parte do programa que mais impressionou a Alan M. Kriegsman, o crítico do "Post"

O primeiro movimento, escreveu ele, "nunca perdeu o seu mistério, a atmosfera ou interesse." E ainda: "O final, uma fuga cheia de energia e paixão, foi o melhor momento de todos".

## QUARTETO DE CORDAS BRASILEIRO FAZ SUCESSO NOS ESTADOS UNIDOS

Apresentou-se em Washington, com grande sucesso, o Quarteto de Cordas formado por Santino Parpinelli, Jacques Nirenberg (violinos), Henrique Nirenberg (viola) e Eugene Ranevsky (violoncelo), em um concerto realizado na Biblioteca do Congresso.

O programa constava do "Quarteto em sol maior, K 156" de Mozart, do "Quarteto N.º 17" de Villa Lobos e do "Quarteto N.º 2, Op. 56" de Szymanowski. A crítica dos principais jornais da capital americana, "The Washington Evening Star" e "The Washington Post" não poupou elogios aos músicos brasileiros em suas colunas. O crítico Wendell Margrave, do "Star", descreveu a execução como "intimista, caracterizada por grande

## CURIOSIDADES

### COMO UM RUSSO VÊ OS AMERICANOS

Depois de haver passado tres anos nos Estados Unidos como correspondente do jornal "Vida Rural", Albertas Laurinchukas, natural da Lituânia, escreveu um título chamado "O Terceiro Lado do Dolar" no qual procurava retratar o país e seus habitantes. Algumas das suas observações, verdadeiras, aliás, são justamente curiosas porque, através da precisão com que são constatadas, não deixam de esconder um certo espanto da parte do jornalista. Por exemplo: "Os americanos não plantam jardins ao redor de suas casas; em vez disso, plantam gramados que aparam uma vez por semana e regam seis vezes. Na América é raro vermos cercas rodeando as casas. Só mansões abastadas, parques antigos, prisões e hospícios são cercados por grades altas, com portões de ferro pesados.

Quando um americano se encontra com um amigo na rua, nunca o convida para dar um pulinho até a sua casa no momento. Em vez, marcam um encontro para outro dia. Uma vez combinados o dia e a hora do encontro, o anfitrião e o convidado fazem anotações em seus diários de bolso. Por exemplo, se no dia 3 de janeiro convidamos alguém para nos visitar às seis da tarde do dia 21, podemos contar que exatamente à hora combinada a campainha vai soar e lá estará o convidado. Chegar atrasado é impermissível.

Todos os americanos, sem exceção, fazem um esforço para sorrir. Até um assaltante que empunha um revólver de encontro ao peito do caixa bancário, sorri primeiro e depois pede o dinheiro. O caixa também sorri, ao mesmo tempo que, sem que o outro perceba, aperta com o pé o sinal de alarme.

Mas sorrir não é tudo, de forma alguma. Os americanos também gostam muito de rir. Alguns americanos dizem que aquela expressão popular que diz "qualquer americano pode vir a ser Presidente" não é inteiramente verdadeira. Acham que deveria ser "qualquer americano que consegue rir pode vir a ser Presidente". Sendo um povo prático, os americanos fazem tudo para vigiar o seu estado de saúde e melhorá-lo. Uma das maneiras de conseguí-lo é sorrir, refletindo o conselho médico: "o sorriso é benéfico ao organismo".

Os americanos comem três vezes ao dia: café da manhã, almoço e jantar. O almoço, em geral entre o meio dia e a uma, consiste de frutas, salchichas, sanduíches e café. Jantam depois de voltar para casa entre as seis e as sete. Bebem café sem parar, em qualquer lugar e a qualquer hora. Durante os três anos em que eu morei em Nova York nenhuma única vez comprei um ovo podre, uma maçã estragada ou manteiga rançosa. Mas também nunca comi um único ovo, pepino ou tomate que não tivessem passado por algum processo de conservação."

### DEPOIS DE ANNIE, MARY ELLIN

Irving Berlin, o famoso compositor de tantas músicas populares conhecidas no mundo todo, foi o criador da vibrante Annie de "Annie Get Your Gun" que Ethel Merman criou há vinte anos e voltou a recriar na última temporada na Broadway. Annie não foi a única figura que Irving Berlin deu ao público: há também Mary Ellin, sua filha. Muito parecida com o pai, com os mesmos grandes olhos prontos profundos e a mesma boca de lábios finos, segura de si, cheia de firmeza, Mary Ellin Barrett revelou-se uma escritora que mereceu a atenção do New York Times no seu suplemento literário. "Os estilos do romance não desaparecem. Vivem à espera. Justamente no momento em que todos pensávamos que o romance romântico havia sido destronado em favor dos romances de sexo, surge "Castle Ugly" de Mary Ellin Barrett, um pequeno diadema de desenho elegante e romântico. Não há a menor referência a sexo neste livro de estria da filha do compositor Irving Berlin, como também não se fala de assassinato ou incesto. Mas o que lhe dá um destaque especial é o fato de tratar da metafísica do amor em vez da mecânica..."

"Castle Ugly" foi publicado pela popular revista "The Ladies Home Journal" e está para ser lançado na Inglaterra, França, Alemanha, Holanda, Itália e Espanha.

### POPPINS POUSA EM CENTRAL PARK



Mary Poppins, hoje uma figura mundialmente conhecida não só através do cinema mas, principalmente, devido à série de livros infantis que vem sendo publicados desde 1934, traduzidos em dezoito línguas (inclusive em japonês e afrikaans), vai merecer uma honra impar entre as grandes personalidades do mundo da ficção. Cogita-se de mandar erguer, no Central Park de Nova York, uma estátua para Mary Poppins que a mostra "pousando do seu voo", guarda-chuva aberto na extremidade do braço direito erguido, a milagrosa sacola que guarda de tudo para todos, cercada de pombas que parecem tê-la acompanhado pelos ares e estar pousando com ela.

Se bem que P.L. Travers seja inglesa, mora nos Estados Unidos e considera esta a sua segunda pátria e seria, portanto, justo que a segunda pátria prestasse esta homenagem, senão à autora diretamente, à sua imortal e tão querida criação: Mary Poppins.

### PODE HAVER UM OVO MAIS FAMOSO ?

Quando se contempla o panorama do entretenimento norte-americano, um dos artistas que terá, sem a menor dúvida, lugar de grande destaque vai ser Jimmy Durante, o inconfundível narigudo que tocava piano e fez da interjeição sorridente "Ah! cha-cha-cha-chá!" o seu prefixo mundialmente conhecido.

Agora, com 73 anos, Jimmy Durante não recua diante de um trabalho de primeira grandeza, mesmo que seja para um auditório eminentemente infantil. Uma de suas últimas, e sensacionais aparições, foi no papel de Humpty Dumpty em uma versão de "Alice No País das Maravilhas", o clássico de Lewis Carroll, na TV americana. O personagem, que é um ovo gigantesco, do qual saem a cabeça, os braços e as pernas, equilibra-se no alto de um muro. Mas fez-se um truque: Durante representava de pé, atrás do muro; os braços e a cabeça eram seus. As pernas eram de um ator anônimo, que estava sentado no perigoso murinho de tijolos...



O novo Jesse H. Jones Hall para as Artes Interpretativas em Houston, no estado do Texas, veio proporcionar as necessárias facilidades para a expansão das atividades culturais nesta cidade do sudoeste americano. O prédio circular, recoberto de mármore, circunscrito por uma moldura exterior de colunas que formam um quadrado ao seu redor, vai abrigar a Houston Symphony Orchestra, a Houston Grand Opera e o Houston Ballet. A nova sala recebeu o nome de um dos beneméritos da cidade e foi edificado através de uma doação do Houston Endowment, uma fundação criada pelo falecido Jesse H. Jones.

Cont. pag. 5

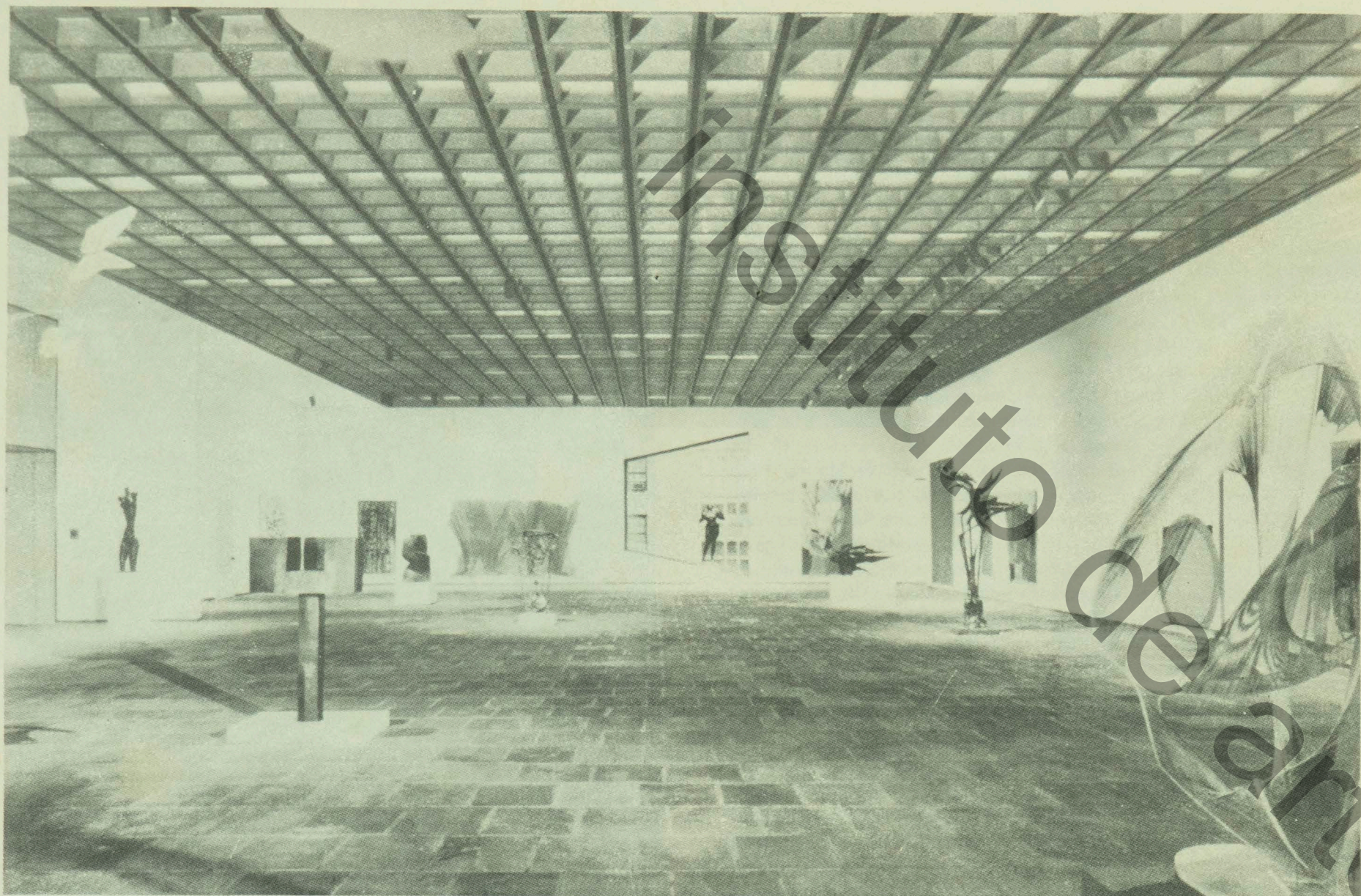
## JEAN CLAUDE VAN ITALLIE, UMA NOVA VOZ NOS PALCOS AMERICANOS

Ibsen até os nossos dias, foram "rebeldes" em seu trabalho; por outro lado, conduziam suas vidas, na medida em que um observador de fora poderia constatar, de uma forma ordenada e decorosa. Van Itallie parece estar seguindo o mesmo caminho.

O mais promissor dos novos dramaturgos americanos tem trinta anos. Nasceu em Bruxelas. Quando os nazistas invadiram a Bélgica, seu pai fugiu para os Estados Unidos. Van Itallie tinha quatro anos quando chegou à América. Formou-se em Harvard em 1958 e aí, como milhares de rapazes inteligentes e ambiciosos antes dele, foi tentar a vida em Nova York, onde exerceu uma série variada de atividades: foi leitor em uma editora de segunda (isto é, lia originais para aprová-los ou não para publicação); foi, por algum tempo, editor da "Transatlantic Review"; conseguiu empregos ocasionais como escritor "free-lance" de televisão. O curioso é que nunca escreveu o tipo de programas que satiriza em "America Hurrah". Trabalhou no Canal 13 e no pro-

grama religioso da CBS "Look Up and Live". Neste meio tempo, escrevia peças de teatro.

No momento, van Itallie está trabalhando em outras, mas recusa-se a comentá-las porque ainda estão em estado embrionário. Quanto ao futuro, diz ele que "uma das coisas boas de se trabalhar longe da orla off-Broadway é a oportunidade de fracassar. Eu não gostaria de perder esta oportunidade." Quanto ao centro puramente comercial da Broadway... "depende muito da peça. Mas eu não estou trabalhando para ter às minhas peças montadas na Broadway". E quando lhe perguntaram a respeito da possibilidade de deixar de trabalhar para televisão e ganhar a vida escrevendo só para o teatro, van Itallie respondeu, esperançosamente: "Eu gostaria, sinceramente, de chegar a poder fazer isso algum dia." A julgar pela reação da crítica diante de "America Hurrah" parece que ele vai consegui-lo muito mais depressa do que imagina...



O quarto andar do novo Museu Whitney é devotado às exposições rotativas. O seu teto alto, em forma de grelha, é especialmente indicado aos grandes trabalhos contemporâneos.

## MUSEU REVOLUCIONÁRIO TRIUNFA COM A ARTE E A ARQUITETURA

Uma modesta instituição cultural novaiorquina transformou-se em um belo e discutido monumento à arte norte-americana.

Desde 1959, quando o Museu Guggenheim, de Frank Lloyd Wright, surgiu despertando as atenções do mundo, Nova York não apresenta edificação tão ousada como o Museu Whitney de Arte Norte-Americana.

No entanto, quando foram retirados os andaimes, a nova sede do Museu Whitney, de 35 anos de idade, surgiu imponente, marcando com uma nota de distinção a paisagem novaiorquina.

O problema encarado pelo arquiteto Marcel Breuer foi de economia de espaço, de modo a extrair a maior vantagem possível da pequena área de construção. Ao mesmo tempo, o Museu devia ter a sua própria identidade em uma cidade de arranha-céus e pontes quilométricas. Nas palavras do arquiteto, "devia ser um elemento independente e harmonioso" que "transformaria a vitalidade da rua na sinceridade e profundidade da arte."

O novo e revolucionário Museu Whitney é um eco distante do estúdio em que Gertrude Vanderbilt Whitney, escultora de grande projeção social, começou a fazer exposições informais de trabalhos de jovens artistas norte-americanos de 1908. Em 1914, ela transformou uma casa vizinha em galeria denominada Estúdio Whitney e, quatro anos depois, fundou o Whitney Studio Club, que logo se tornou o mais ativo e influente centro para jovens artistas nacionais.

Por volta de 1929, a Sra. Whitney chegara à conclusão de que a maior necessidade era de uma nova espécie de museu: que fosse consagrado exclusivamente à arte norte-americana, com ênfase sobre as obras contemporâneas. Cerca de dois anos depois,

em novembro de 1931, foi aberto ao público o primeiro Museu Whitney. Seu programa cada vez mais intenso de aquisições, exposições e publicações acabou por exigir um edifício maior. Deixando para trás Greenwich Village, o bairro boêmio de Nova York, o Museu Whitney mudou-se, em 1954, para um edifício construído em terreno doado pelo Museu de Arte Moderna.

Mas, em princípios da década de 1960, logo se evidenciou que também essas instalações já se haviam tornado inadequadas e, além disso que o Museu perdera em parte sua identidade à sombra de nova vitalidade e capacidade de iniciativa. Tirando tódas as vantagens de sua nova sede espaçosa e funcional, o Museu Whitney está apresentando como exposição inaugural um brilhante trabalho de pesquisa intitulado simplesmente "Arte dos Estados Unidos: 1670-1966."

### UMA PRÓXIMA ATRAÇÃO

O Côro a Capela da Universidade Hamline, constituído de 40 vozes, visitará o Brasil na segunda quinzena de maio. Os planos atuais do Côro, que é considerado pelos críticos musicais como um dos melhores grupos acadêmicos dos Estados Unidos, é de dar concertos no Rio, Pôrto Alegre, Curitiba, São Paulo e Belém.

Uma história interessante sobre este notável grupo e seu roteiro em detalhes estará no próximo número de "NOTÍCIAS CULTURAIS".

## MÚSICA E DANÇA

### CONCERTO PARA PIANO DE ELLIOT CARTER

Quando a Orquestra Sinfônica de Boston, regida por Erich Leinsdorf executou a estréia mundial do concerto para piano de Elliott Carter, tendo Jacob Lateiner como solista, muito pouca gente sabia que se tratava de uma obra especialmente escrita para o intérprete. A história de como este concerto foi criado é bastante curiosa. Faz sete anos, a Fundação Ford deu ao pianista Jacob Lateiner a quantia de cinco mil dólares para que ele "encomendasse" um novo concerto ao compositor de sua escolha. "Como eu não queria perder tempo estudando uma nova obra que eu só pudesse executar algumas poucas vezes devido à novidade, preferi uma obra mais difícil, mas que tivesse valor daqui a vinte ou trinta anos", disse Lateiner mais tarde.

E assim foi. Ele encomendou o concerto a Elliott Carter, o qual, ao cabo de seis anos, entregou-lhe a obra terminada. Lateiner, por sua vez, estudou-o atentamente durante nove meses antes daquela primeira audição com a Orquestra Sinfônica de Boston. Assim, por detrás de mais uma estréia mundial de uma nova obra pianística, ainda pode existir a figura de um Mecenaz. Se não os nobres de séculos idos, entidades como a Fundação Ford.

Falando a respeito de sua obra, Carter descreveu o seu concerto com estas palavras: "Trata-se de um conflito entre o homem e a sociedade. Nasce o piano. A orquestra ensina-lhe o que dizer. O piano aprende. Aí, compreende que a orquestra está errada. Eles lutam e o piano ganha — não triunfalmente, mas com algumas notas fracas e tristonhas, com uma espécie de humor de Charles Chaplin."

Elliott Carter é um dos mais notáveis compositores americanos da atualidade. Porém, como acontece com a maioria dos modernos, só agora a sua obra está sendo reconhecida. "Já que não se ganha muito dinheiro, é preferível só fazer aquilo de que realmente gostamos", sumariza ele. "Eu quero inventar alguma coisa que nunca tenha ouvido antes."

### O INÍCIO DE UM GRANDE FESTIVAL FOLCLÓRICO?

No verão do ano passado, na cidadezinha de Petersburg, no Estado de Nova York, realizou-se, pela primeira vez, um festival sui-generis: o Festival de Música e Arte Tradicional Americana da Família Beers. O que imediatamente nos intriga é a inclusão da "Família Beers" no final. Por que? Muito simples. Bob Beers é mais do que um apaixonado do folclore de sua terra: agora vive exclusivamente para ele. Ao seu lado, sua esposa Evelyne e sua filha Martha, de vinte anos, formam um trio único no ambiente musical americano.

É verdade que a música folclore teve, nos Estados Unidos, uma renascença sem precedentes nos fins da década de 50. Súbitamente, os cantores folclóricos começaram a surgir por todos os cantos, como cogumelos. Mas muito antes disso Bob Beers já estava mergulhado nas cantigas tradicionais americanas, executando-as, muitas vezes, com o auxílio de instrumentos esquecidos, que ninguém mais recordava, que dirá sabiam tocar. Este homem de quase 50 anos aprendeu praticamente mais da metade do seu repertório sentado nos joelhos de seu avô, em Wisconsin, onde o velho era o campeão dos rabequistas locais. Beers guarda o instrumento precioso consigo. Dentro, o avô colocara um chochalo de cascavel "para o som sair bom".

Naqueles anos em que o folclore não havia adquirido a popularidade que tem hoje, Beers, que morava em Montana em condições bastante primitivas, numa cidade fantasma onde "os homens eram selvagens e os coíotes eram domesticados", como ele recorda com muito humor, viajava com a família pelas cercanias, cantando e recolhendo novo material. Hoje o seu repertório, além de muito bonito, é cheio de raridades que deleitam a um auditório cada vez maior. Daí o ter surgido o Festival de Música e Arte Tradicional Americana da Família Beers que reuniu mais de uma centena de músicos folclóricos que se fizeram ouvir para um auditório de mais de oito mil pessoas. Talvez os Beers façam por Petersburg no setor da música folclórica o que os Dolmetsch fizeram por Haselmere (na Inglaterra) no setor da

música antiga.

Há algumas semanas, Bob, Evelyne e Martha realizaram o seu concerto anual para crianças no Philharmonic Hall de Nova York, outra marca de consagração de três artistas que tiram da simplicidade do folclore a beleza pura e comunicativa da sua arte.

### VITÓRIA DAS MULHERES

A mulher americana é sempre evocada como um sinônimo de independência, de livre iniciativa, de competição bem sucedida em um mundo dominado pelos homens. Porém, no campo musical, agora é que a mulher está conseguindo se firmar e, mesmo assim, enfrentando sérias dificuldades.

Quando, em 1935, Elsa Hilger se tornou uma das violoncelistas da Orquestra de Philadelphia, o seu caso era um entre mil. Agora, pouco mais de trinta anos depois (Miss já conta respeitáveis sessenta e três anos) as mulheres estão conquistando um lugar ao qual têm direito (apesar da reação de muitos colegas e da hesitação de muitos regentes).

Hoje, Elsa Hilger não está sôzinha. A American Symphony tem 44 mulheres nas suas fileiras musicais; a Cleveland Orchestra tem 11; a sinfônica de Houston, no Texas, tem 25; e a de São Francisco tem 17. Uma das mais conhecidas personalidades femininas nas grandes orquestras sinfônicas americanas é Peggy Lucchesi, que ocupa um lugar raramente ocupado por uma senhora: os instrumentos de percussão. No campo dos instrumentos de sôpro, onde também é raro vermos mulheres, na Cincinnati Symphony encontramos Betty Glover, com pouco mais de quarenta anos, entre os metais; em Houston, uma jovem de vinte e poucos anos, Helen Taylor, executa o "corne anglais"; e o óboe da sinfônica de Los Angeles é uma mocinha frágil, chamada Barbara Winters, que precisa nadar e fazer muita ginástica para poder executar a contento um instrumento difícil que exige cem por cento das capacidades pulmonares do seu executante.

A mais recente vitória feminina no exército musical americano foi a entrada de Orin O'Brien, de trinta e um anos, nas fileiras da New York Philharmonic, onde toca contra-baixo (outro instrumento raro para uma mulher tocar). Ela é, na verdade, a única mulher numa orquestra de 104 homens, pois até mesmo a harpista da New York Philharmonic é contratada por concerto. Assim, Orin O'Brien, depois de 125 anos desde a fundação da famosa orquestra, foi a primeira mulher a ser contratada em caráter permanente. E conseguiu o lugar que ocupa através de um teste. Ela competiu com 33 cavalheiros. E ganhou!

### UMA DAS ALEGRIAS DO MUNDO

Se fôr preciso mencionar as mulheres que maior influência tiveram na dança, não só nos Estados Unidos, mas no mundo inteiro, quatro seriam americanas: Isadora Duncan, Ruth St. Denis, Martha Graham e Agnes de Mille.

Já vão longe os anos em que Martha Graham era incompreendida e caricaturada. Hoje ela se tornou um dos símbolos eternos da dança e o seu estilo, que deu tantos frutos e tanto contribuiu para a renovação da dança moderna, encontra perpetuação através da Escola de Dança Contemporânea de Martha Graham, em Nova York. Tanto o público como afamadas instituições reconhecem nela o valor de uma artista incomparável. No ano passado ela recebeu o Aspen Award, no valor de trinta mil dólares; o Mills College conferiu-lhe o título de doutor "honoris causa" e o mesmo fez a Universidade de Harvard, raridade em se tratando de uma mulher.

Depois de ter passado mais de quinze anos sem ter dançado nos Estados Unidos, tendo recebido uma doação do Conselho Nacional de Artes no valor de 142.500 dólares, Martha Graham realizou mais uma turnê com a sua companhia, com ela própria aparecendo numa de suas criações "A Lenda de Judith". Apesar dos seus 71 anos, a chama sagrada que anima os grandes artistas ainda brilhava através de um corpo que muitos julgariam que não poderia dançar mais. Martha Graham dançará até o fim de seus dias porque, como ela mesma disse, "a dança tornou-se, finalmente, parte das necessidades do mundo, bem como é uma das suas alegrias".